

J. R. Ward

NA SOMBRA DA VIDA

Um romance da Irmandade da Adaga Negra
Volume X

Tradução
Luís Santos

Primavera



Capítulo 1



— **Q** sacana está a atravessar a ponte! Ele é meu!
Tohrment esperou por um assobio de resposta e, quando o ouviu, correu atrás do minguante, as botas a chapinhar nas poças, as pernas transformadas em pistões, as mãos cerradas em punho. Passou por contentores de lixo e carcaças velhas estacionadas, por ratazanas e sem-abrigo, trepou uma barricada, saltou uma moto.

Caldwell, Nova Iorque, às três da manhã garantia obstáculos suficientes para manter as coisas divertidas. Infelizmente, o desgraçado do matador lá à frente estava a levá-lo numa direção que Tohr não queria seguir.

Ao chegarem à rampa de acesso à ponte para oeste, Tohr queria matar o idiota... lógico. Ao contrário das zonas de privacidade encontradas nos labirintos de becos em torno dos clubes, era garantido que houvesse trânsito sobre o Hudson, mesmo àquela hora. Era verdade que a ponte suspensa Herbert G. Falcheck não estaria congestionada, mas haveria alguns carros e Deus sabia que, atualmente, cada humano ao volante teria um iPhone.

A guerra entre os vampiros e a Sociedade dos Minguantes tinha uma regra. Ficar longe da porra dos humanos. Essa raça de orangotangos convencidos era uma complicação garantida e a última coisa

que pretendiam era a confirmação generalizada de que o Drácula não era uma personagem ficcional e que «The Walking Dead» não era apenas uma série de televisão com um mínimo de qualidade.

Ninguém queria ser notícia de abertura em jornais, televisões e revistas.

A Internet não fazia mal. Aí não existia credibilidade.

A questão da discricção era a única coisa com que o inimigo e a Irmandade da Adaga Negra concordavam e a única deferência de ambos os lados. Por isso, sim, os matadores podiam, sei lá... escolher como alvo a tua *shellan* grávida, alvejá-la e deixá-la como morta, roubando não só a vida dela como também a nossa. Mas Deus os livrasse de incomodar os humanos.

Pois isso não estaria correto.

Infelizmente, aquele cabrão com problemas de orientação e pernas hidráulicas que estava a fugir não recebera o memorando.

Nada que uma adaga negra no peito não resolvesse.

Com um rosnido a nascer-lhe na garganta e as presas a alongarem-se na boca, Tohr invocou uma reserva de ódio potente, reabastecendo instantaneamente o seu depósito de energia.

Regressar do pesadelo de ter o Rei e os seus irmãos a informá-lo de que a sua vida chegara ao fim fora um caminho muito longo. Enquanto macho acasalado, a sua fêmea era o coração que lhe animava o peito e, na ausência da sua Wellsie, Tohr tornara-se uma sombra do que fora, uma forma sem substância. A única coisa que o alentava era a caça, a captura, a matança. E saber que acordaria na noite seguinte com mais para abater.

Quando não estava a *vinhgar* os seus mortos, era como se estivesse no abençoado Vápido com a família. Muito sinceramente, isto seria preferível e, quem sabe, talvez tivesse sorte esta noite. Talvez no auge da batalha sofresse um ferimento letal que o aliviasse dos seus fardos.

Um macho podia sonhar.

A buzina de um carro, seguida pelo chiar de pneus, foi o primeiro sinal de que o Capitão Complicações encontrara o que procurava.

Tohr chegou ao cimo da rampa a tempo de ver o matador a rebolar por cima do capô de um *Toyota* nada-de-especial. O impacto imobilizou o carro. Nem sequer abrandou o matador. Tal como qualquer minguante, o sacana era mais resistente e mais forte do que quando era humano, com o sangue preto e viscoso do Ómega a garantir-lhe um motor maior, uma melhor suspensão e uma direção mais fiável, além de pneus de corrida, naquele caso.

Mas o GPS era uma merda.

O matador levantou-se do seu rebolar pela estrada como se fosse um duplo de cinema e, como seria de esperar, continuou a correr. Mas estava ferido, e o cheiro característico a talco estava a ficar mais intenso.

Tohr chegou ao carro no momento em que o par de humanos abria as portas, saía e começava a agitar os braços como se houvesse alguma coisa a arder.

– Polícia de Caldwell – gritou Tohr ao passar por eles a correr.
– Em perseguição.

Isso acalmou-os e minimizou a posterior gestão de danos. Era praticamente garantido que se tornaria num público com tendências fotográficas, o que era perfeito. Quando aquilo chegasse ao fim, saberia onde os encontrar para lhes apagar as memórias e levar-lhes os telemóveis.

Entretanto, o minguante parecia dirigir-se ao viaduto para pedestres. Não era uma boa ideia. Se estivesse no lugar do idiota, Tohr teria optado por ficar com o *Toyota* para tentar fugir dali...

– Epá... isso não... – resmungou Tohr.

Ao que parecia, o objetivo do sacana não era o viaduto, mas sim a borda da ponte. O matador saltou a vedação que isolava o corredor e aterrou na borda estreita do outro lado. Próxima paragem: rio Hudson.

O matador olhou para trás e, à luz suave das lâmpadas de sódio, a expressão arrogante que ostentava era a de um miúdo de dezasseis anos depois de ter engolido meia dúzia de cervejas à frente dos amigos.

Só ego. Nada de miolos.

Ia saltar. O cabrão ia saltar.

Idiota de merda. Embora o suco do Ómega desse poder aos matadores, isso não fazia com que as leis da física deixassem de se aplicar a eles. Aquele chiste de Einstein, sobre a energia ser igual à massa vezes a aceleração, ia continuar a funcionar, pelo que quando o desgraçado chegasse à água, ia rebentar, sofrendo grandes danos estruturais. Algo que não o mataria, mas que o deixaria incapacitado.

Os cabrões não morriam, a menos que fossem trespassados. E podiam passar a eternidade num purgatório de decomposição.

Que grande pena.

Antes do assassinio da sua Wellsie, Tohr provavelmente teria deixado que ele saltasse. Na guerra, era mais importante envolver aqueles humanos num manto de esquecimento e ir ajudar John Matthew e Qhuinn, que ainda estavam ocupados no beco. Mas agora? Não havia volta a dar. Fosse como fosse, ele e o matador iam ter um encontro.

Tohr saltou a guarda, chegou ao passeio e trepou a vedação. Agarrando-se ao metal, passou o corpo sobre o topo e assentou as botas no parapeito.

A bravata do mingunte cedeu um pouco quando este começou a recuar.

– O que foi? Achas que tenho medo de alturas? – perguntou Tohr em voz baixa. – Ou que um metro e meio de rede me vai afastar de ti?

O vento uivava contra eles, colando-lhes a roupa ao corpo e assobiando pelas uniões de aço. Muito lá em baixo, as águas negras do rio não passavam de uma extensão sombria e indistinta, qual parque de estacionamento.

E também ia parecer alcatrão.

– Tenho uma arma – gritou o mingunte.

– Então saca-a.

– Os meus amigos vêm aí!

– Não tens amigos.

O mingunte era um recruta novo, de cabelos, pele e olhos ainda por clarear. Esgalgado e nervoso, deveria ser um drogado de miolos desgraçados, motivo pelo qual, de certeza, tinha aceitado juntar-se à Sociedade.

– Eu salto! Eu salto, porra!

Tohr agarrou o punho de uma das suas duas adagas e retirou a lâmina negra da bainha presa ao peito.

– Então fecha a matraca e começa a voar.

O matador olhou sobre a borda.

– Eu salto! Juro que salto!

Soprou uma rajada de outra direção que fez agitar o casaco comprido de Tohr sobre o espaço vazio.

– Pouco me importa. Tanto te posso matar aqui como lá em baixo.

O mingunte voltou a espreitar lá para baixo. Hesitou e depois lançou-se, saltando para o lado e chegando ao espaço aberto com os braços a agitarem-se como se pretendesse manter o equilíbrio e aterrar de pés.

Àquela altura, seria como empurrar os ossos das coxas através da cavidade torácica. Mas sempre era melhor do que engolir a própria cabeça.

Tohr voltou a embainhar a adaga e respirou fundo, preparando-se para a sua descida. E depois...

Ao sair da borda e sentir o primeiro choque da antigravidade, a ironia do salto da ponte estava bem presente. Passara tanto tempo a desejar a sua morte, a rezar para que a Virgem Escrivã lhe levasse o corpo e o juntasse aos seus entes queridos. O suicídio nunca fora uma opção. Quem tirava a própria vida não entrava no Vápido e só por isso não cortara os pulsos, sugara a ponta do cano de uma caçadeira... ou saltara de uma ponte.

Durante a descida permitiu-se imaginar que chegara o fim, que o impacto dali a um segundo e meio acabaria com o sofrimento. Bastava-lhe posicionar-se para mergulhar, não proteger a cabeça e esperar pelo inevitável. Apagar, provável paralisia, morrer afogado...

Mas essa partida não podia ser o seu final. Quem decidia isso sabia que ele, ao contrário do minguante, tinha uma alternativa.

Acalmando a mente, desmaterializou-se a meio da queda. Num momento, a gravidade puxava-o, no seguinte não passava de uma nuvem de moléculas invisíveis que podia levar para onde quisesse.

Ao lado, o matador não bateu na água com o *splash!* de quem saltava da borda piscina, nem com o *badum!* de quem preferia a prancha.

O cabrão parecia um míssil a atingir o alvo, e a explosão sentiu-se na forma de um estalo sónico, ao mesmo tempo que hectolitros de água do rio Hudson saltavam no ar frio.

Tohr, por outro lado, decidiu materializar-se no impressionante pilar de betão à direita da zona de impacto. Três... dois... um...

Bingo.

Uma cabeça apareceu a jusante da zona ainda cheia de bolhas que fora o ponto de entrada. Os braços não se mexiam numa tentativa de voltar a obter oxigénio. Não havia espernear. Nem arquejos.

Mas não estava morto. Podíamos atropelá-los, espancá-los até partirmos a mão, arrancar-lhes os braços e/ou as pernas, fazer o que quiséssemos... e eles continuavam vivos.

Os cabrões eram as carraças do submundo. E ele tinha de se molhar.

Tohr despiu a gabardina, dobrou-a com cuidado e pousou-a na junção do pilar com a larga base aquática. Entrar na água com aquilo às costas era uma receita para o afogamento, além disso, tinha de proteger as armas e o telemóvel.

Com um par de saltos para ganhar impulso para chegar à água desimpedida, lançou-se em posição de mergulho, os braços esticados sobre a cabeça, as palmas unidas, o corpo hirto. Ao contrário do minguante, a entrada foi elegante e suave, mesmo tendo chegado à superfície do Hudson vindo de uma queda de quatro ou cinco metros.

Frio. Aquilo estava gelado.

Afinal de contas, estava-se em finais de abril ao norte do estado de Nova Iorque. Ainda pelo menos a um mês de um tempo minimamente aprazível.

Exalando pela boca enquanto subia das profundezas, deu início a um estilo livre poderoso. Quando chegou ao matador, agarrou-lhe o blusão e arrastou-o para a margem.

Onde acabaria com aquilo. Para poder dedicar-se ao próximo.

Enquanto Tohr saltava da ponte, a vida de John Matthew passava-lhe à frente dos olhos, como se tivessem sido as suas botas a deixar terra firme para o vazio sem rede.

Estava na margem, por baixo da rampa de saída, pronto a eliminar o matador que perseguira. Pelo canto do olho viu qualquer coisa a cair de uma grande altura sobre o rio.

Ao início, não lhe fez sentido. Qualquer minguante com meio dedo de testa saberia que não era uma boa maneira de fugir. Mas depois, tudo ficara demasiado claro. Estava uma figura na borda da ponte, com uma gabardina de cabedal a esvoaçar, qual mortalha à volta de um corpo.

Tohrment.

Nããããã, gritara John sem produzir qualquer som.

– Grande merda, o gajo vai saltar! – cuspiu Quinn, a seu lado.

John avançou, como se isso fosse de grande ajuda, e depois soltou um grito mudo quando viu aquele que mais próximo tinha de um pai a saltar.

Mais tarde, John viria a refletir que eram momentos como aquele que as pessoas descreviam como sendo a própria morte. Quando se somavam os acontecimentos que se desenrolavam e as contas davam como resultado a destruição garantida, a mente entrava em modo de reprodução, exibindo a vida que se conhecia.

John sentado à mesa de Tohr e Wellsie na primeira noite depois de ter sido levado para o mundo dos vampiros... A expressão no rosto de Tohr quando as análises ao sangue tinham revelado que John era filho de Darius... O momento digno de pesadelo em que a Irmandade lhes anunciara que Wellsie estava morta...

Depois surgiram as imagens do segundo ato: Lassiter a trazer consigo a casca engelhada de Tohr de onde quer que ele tivesse estado... Tohr e John a perderem finalmente as estribeiras em relação à morte de Wellsie... Tohr a recuperar gradualmente a força... A *shellan* de John a aparecer com o vestido vermelho com que Wellsie acasalara com Tohr...

Meu, o destino era uma merda. Tinha de aparecer e verter águas no jardim de uma pessoa.

E agora andava a cagar no jardim dos outros.

Mas nesse momento, Tohr desvaneceu-se. Num momento estava a voar, no outro tinha desaparecido.

Graças a Deus, pensou John.

– Obrigado, menino Jesus – murmurou Qhuinn.

Momentos depois, do outro lado de um pilar, uma figura escura mergulhou no rio.

Sem trocarem olhares ou palavras, ele e Qhuinn correram nessa direção, chegando à margem cheia de pedras no momento em que Tohr vinha à tona de água, agarrado ao matador, e começava a nadar para terra. Quando John se posicionou para ajudar a puxar o minguante para a margem, fixou o olhar no rosto pálido e sombrio de Tohr.

O macho parecia morto, mesmo estando tecnicamente vivo.

Já o tenho, gesticulou John enquanto se debruçava, agarrava o braço mais próximo do minguante ensopado e o puxava para fora do rio. A coisa aterrou de qualquer maneira e fez uma imitação perfeita de um peixe, de olhos arregalados, boca aberta e pequenos estalidos a surgirem-lhe das goelas escancaradas.

Mas era Tohr quem interessava, e John observou o Irmão enquanto este saía da água. As calças de cabedal colavam-se às pernas magras, a camisola de alças parecia a segunda pele do peito estreito, cabelo muito curto de lista branca em pé, mesmo estando molhada.

Os olhos azuis-escuros estavam fitos no minguante.

Ou ignoravam propositadamente o olhar de John.

Provavelmente as duas coisas.

Tohr agarrou o minguante pelo pescoço. Mostrando as presas maleficamente compridas, rosnou:

– Eu avisei-te.

Depois sacou da adaga negra e começou a esfaquear.

John e Quinn viram-se obrigados a recuar. Era isso, ou uma pintura nova.

– Podia limitar-se a trespassar-lhe o peito – resmungou Quinn, e despachava o assunto.

Mas o importante não era matar o minguante. Era a desconsagração.

A lâmina negra afiada penetrou em cada palmo de carne, exceto no esterno, que era o botão para desligar. A cada golpe, Tohr exalava profundamente. De cada vez que soltava a adaga, o Irmão inspirava fundo, com o ritmo da respiração a orientar o processo macabro.

– Agora já sei como é que eles fazem juliana.

John esfregou o rosto e esperou que se tratasse do fim do comentário.

Tohr não abrandou. Limitou-se a parar. Depois quase tombou para o lado, apoiando-se com a mão na terra ensopada de óleo. O matador estava... feito em picado, mas não morrerá.

Mas não haveria ajudas. Apesar da exaustão óbvia de Tohr, John e Quinn sabiam bem que não deveriam intrometer-se. Já o tinham visto. O golpe final tinha de pertencer a Tohr.

Depois de alguns instantes a recuperar, o Irmão voltou a assumir a sua posição, segurando a adaga com ambas as mãos e erguendo a lâmina acima da cabeça.

Um grito rouco deixou-lhe a garganta quando enterrou a ponta no peito do que restava da sua vítima. O clarão brilhante iluminou a expressão trágica no rosto de Tohr, uma expressão de banda desenhada, feições distorcidas e horríveis, capturadas num momento... e numa eternidade.

Fitava sempre o clarão, mesmo sendo aquele sol efémero demasiado brilhante.

Quando acabou, o Irmão tombou como se a coluna se tivesse transformado em esparguete molhado, a energia esvaída. Era óbvio que precisava de se alimentar, mas esse assunto, tal como outros, seria impossível.

– Que horas são? – conseguiu perguntar entre arquejos.

Qhuinn espreitou o seu *Suunto*.

– Duas da manhã.

Tohr desviou a atenção da terra ensopada que fitava, concentrado os olhos raiados de sangue na zona da baixa de onde tinham vindo.

– E se voltássemos ao complexo? – Qhuinn pegou no telemóvel. – O Butch não está longe...

– Não. – Tohr empurrou-se do chão e sentou-se. – Não chames ninguém. Eu estou bem... só preciso de recuperar o fôlego.

Grande treta. O tipo estava tão bem como John naquele momento. Embora, verdade fosse dita, só um deles estivesse a pingar com um vento de dez graus.

John colocou as mãos no campo de visão de Tohr. Vamos para casa...

Trazido pela brisa, qual despertador a ecoar numa casa vazia, o cheiro a talco invadiu-lhes as narinas.

O fedor conseguiu o que o descanso no chão não conseguira. Tohr levantou-se. Desaparecera a desorientação... que raios, o mais certo seria ele ficar surpreendido se o lembrássemos que continuava ensopado.

– Há mais – rosnou.

Quando se afastou a correr, John praguejou contra aquele maníaco.

– Anda – indicou Qhuinn. – Vamos atrás dele. Esta vai ser uma noite muito comprida.

Capítulo 2



— Faz uma pausa... relaxa...diverte-te...
Murmurando para uma galeria minúscula com mobília antiga, Xhex saiu do quarto e entrou na suíte de banho. Depois voltou. Depois... regressou uma vez mais à terra do mármore.

Na casa de banho, que partilhava agora com John, parou junto ao jacúzi fundo como um lago. Ao lado das torneiras de bronze havia uma prateleira prateada com todo o tipo de loções, cremes e merdas de rapariga. E nem sequer era metade do conjunto. Junto aos lavatórios? Outra prateleira, desta feita cheia de perfumes da *Chanel: Cristalle, Coco, N.º 5, Coco Mademoiselle*. Depois havia o elegante cesto de escovas, algumas com pelos pequenos, outras com cerdas acuminadas ou fios de metal pontiagudos. Nos armários? Uma linha completa de frascos de verniz OPI em variações suficientes de cor-de-rosa desprezíveis para provocar uma hemorragia nasal à Barbie. Bem como quinze marcas diferentes de mousse. Gel. Laca.

A sério?

E nem sequer queiram ouvir falar da maquilhagem *Bobbi Brown*.

Mas quem é que acham que se mudou para aqui? Uma das maluquinhas das Kardashian?

E por falar nisso... Jesus, ela nem queria acreditar que agora conhecia a Kim, a Kourtney, a Khloe, a Kris; o irmão, Rob; o padrasto, Bruce; as irmãs mais novas, Kendall e Kylie: como também os vários marido(s), namorado(s) e o rapaz Mason...

Fitando os próprios olhos no espelho pensou: Bem, não é que foi interessante? Ela conseguira ficar doida com a Entertainment Television!

Certamente menos complicado do que uma espingarda de canos serrados, e os resultados eram os mesmos.

– Esta porcaria devia trazer uma etiqueta de aviso.

Enquanto fitava o reflexo, reconheceu o cabelo preto curtinho, a pele alva e o corpo magro e duro. As unhas cortadas. A completa ausência de maquilhagem. Até envergava as suas próprias roupas, a *T-shirt* preta de alças e as calças de cabedal, a farda que usara todas as noites durante anos.

Bem, até há umas noites. Nesse dia, tinha vestido algo completamente diferente.

Talvez o vestido de noite fosse a razão para todos os acontecimentos feministas que tinham surgido depois da cerimónia de acasalamento. Fritz e os *doggen* podiam ter partido do princípio de que ela virara uma nova página. Ou isso, ou fazia tudo parte do pacote de boas-vindas padrão às *shellan* recém-casadas.

Virando-se, levou as mãos ao pescoço, dirigindo-as ao enorme diamante quadrado que John lhe oferecera. Engastado em robusta platina, era a única peça de joalharia que alguma vez se imaginava a usar: forte, sólido, capaz de aguentar uma boa luta e manter-se no corpo.

Naquele novo mundo de *Paul Mitchell* e *Bed Head* e coisas fedorentas *Coco*, pelo menos John ainda a tinha. Quanto aos restantes? Podia chamar-se «educação»? Não da primeira vez que se armara em professora de um grupo de machos que pensavam que, só porque tens mamas, o teu lugar é numa gaiola dourada. Alguém a tentara transformar numa rapariguinha *glymera*? Consequira ver além das barras douradas, colocara uma bomba na base do

pedestal e pendurara os restos fumegantes no candelabro do átrio.

Dirigindo-se ao quarto, abriu o roupeiro e tirou o vestido vermelho que usara durante a cerimónia. O único vestido que alguma vez envergaria – e tinha de admitir que apreciara a forma como John o removera com os dentes. E sim, claro, as noites a descansar por ali tinham sido fantásticas – o primeiro repouso que tinha tido numa eternidade. Tudo o que tinham feito era sexo, alimentarem-se um do outro, alimentarem-se com maravilhosas gastronomias e tudo repetir entre períodos de sono.

Mas agora, John voltara ao ativo – ao passo que ela só voltaria à luta na noite seguinte.

Eram apenas vinte e quatro horas, um atraso, não um beco sem saída.

Assim sendo, que raio de problema era o dela?

Talvez toda aquela barafunda de rapariga apenas lhe estivesse a despertar a cabra interior sem qualquer razão aparente. Não estava confinada àquele espaço, ninguém a estava a obrigar a mudar de personalidade e a porcaria dos Kardashian na maratona televisiva era culpa dela. Quanto à tralha de beleza? Os *doggen* estavam apenas a tentar ser simpáticos da única maneira que sabiam.

Não havia muitas fêmeas como ela. E não apenas por ela ser meio-*sympath*...

Franzindo o cenho, olhou à sua volta.

Deixou a seda escorregar-lhe das mãos e procurou a grelha emocional que se encontrava à saída do corredor.

Com os sentidos *sympath*, a estrutura tridimensional de tristeza, perda e vergonha era tão real como qualquer edifício junto ao qual se podia passar a conduzir, que se podia visitar e atravessar a pé. Infelizmente, neste caso, não havia maneira de reparar os danos causados nos suportes ou o buraco no teto ou o facto de o sistema elétrico já não estar a funcionar. Por muito que sentisse as emoções de uma pessoa como se fosse uma casa privada, não podia subcontratar trabalhadores para repararem o que não estava bem, nem

canalizadores, nem eletricitistas, nem pintores para aquela merda. O dono da casa teria de levar a cabo os seus próprios melhoramentos quanto ao que estava partido, estragado e destruído; ninguém o poderia fazer, tinha de ser ele.

Ao entrar no corredor das estátuas, Xhex sentiu um tremor atravessar-lhe a pequena casa. Vendo bem, a figura coxa envolta num manto com capuz à sua frente era a sua mãe.

Cristo, ainda soava estranho dizê-lo, mesmo que apenas em pensamentos – e, a muitos níveis, não se aplicava verdadeiramente, pois não?

Aclarou a garganta.

– Boa noite... ah...

Não soava bem dizer *mahmen* ou mamã ou mãezinha. No'One, o nome da fêmea, também não era confortável. Com efeito, o que se poderia chamar a alguém que fora raptada por um *sympthath*, obrigada a conceber e depois fora aprisionada pela biologia e forçada a carregar o resultado da tortura?

Primeiro e último nome: Eu e Desculpa. Nome do meio: Peço.

Mesmo enquanto mudava de posição, o capuz de No'One tapava-lhe o rosto.

– Boa noite. Como tendes passado?

As palavras saíam formalmente dos lábios da mãe, sugerindo que a fêmea teria feito melhor se falasse a Linguagem Antiga. E a vénia que ofereceu, obviamente desnecessária, foi desajeitada, talvez por causa do ferimento que provocava a marcha desequilibrada.

O fedor que emanava nada tinha a ver com *Chanel*. A menos que tivessem lançado recentemente uma linha *Tragédia*.

– Estou bem. – Melhor seria dizer inquieta e entediada. – Onde vais?

– Arrumar a sala de estar.

Xhex refreou um estremeamento de não-vás-lá. Fritz não deixava ninguém, a não ser os seus companheiros *doggen*, mexer uma palha na mansão – e No'One, apesar do facto de ter vindo ajudar Payne, estava alojada no quarto de hóspedes, comia à mesa com

os Irmãos e era aceite como a mãe de uma *shellan* acasalada. Por nenhum padrão era considerada uma empregada.

– Ah sim? E não gostarias de... – Fazer o quê? Xhex tentou pensar em alguma coisa. O que poderiam fazer juntas? Xhex era uma lutadora. A mãe era... um fantasma com substância. Não tinham assim muitos interesses em comum.

– Está tudo bem – disse gentilmente No’One. – Isto é desconfortável...

Por baixo do corredor ribombaram trovões, tão certo como terem-se formado nuvens, faiscado relâmpagos e a chuva começado a cair. Enquanto No’One se encolhia, Xhex olhou por cima do ombro. Mas o que raio era...

Rhage, também conhecido como Hollywood, considerado o maior e mais belo de todos os Irmãos, praticamente saltou para a varanda do primeiro andar. Ao aterrar, a cabeça loura virou-se imediatamente na direção dela, os olhos em fogo.

– O John Mathew telefonou. É preciso toda a gente na baixa. Arma-te e encontra-te connosco na porta da entrada daqui a dez minutos.

– Ai que bom! – silvou Xhex, batendo palmas.

Quando se virou de novo para a mãe, a fêmea tremia e tentava não o demonstrar.

– Está tudo bem – disse Xhex. – Eu sou uma boa lutadora. Não me vão magoar.

Palavras bonitas. Só que não era com isso que a fêmea estava preocupada, pois não? A grelha exibia receio... de Xhex.

Tendo em consideração que era meio-*sympath*, era claro que No’One pensaria primeiro em «perigosa» e só depois em «filha».

– Vou deixar-te sossegada – declarou Xhex. – Não te preocupes.

Ao regressar ao quarto, não podia ignorar o facto de o peito a estar a matar. Mas é claro que também não podia ignorar a realidade: a mãe não a tinha querido.

Continuava sem a querer.

E quem a podia censurar?

* * *

Por baixo da aba do manto encapuçado, No'One ficou a ver a fêmea alta, forte, implacável que tinha dado à luz apressar-se para ir lutar contra o inimigo.

Xhexania não parecia de todo intimidada pela ideia de enfrentar os mortais *minguantes*. De facto, o sorriso exibido face à ordem do Irmão sugeria que iria saborear a luta.

Os joelhos de No'One fraquejaram ao pensar no que trouxera ao mundo, aquela fêmea com poder nos membros e vingança no coração. Nenhuma das fêmeas da *glymera* reagiria dessa forma; vendo bem, também ninguém lhes pediria para irem.

Mas a filha tinha em si *sympbath*.

Querida Virgem Escrivã...

E, contudo, à medida que Xhexania se virava, surgia-lhe no rosto uma expressão imediatamente reprimida.

No'One apressou-se a continuar, coxeando ao longo do corredor até ao quarto da filha. Ao chegar à pesada porta, bateu suavemente.

Xhexania demorou um instante a abrir.

– Oi.

– Peço desculpa.

Não houve qualquer reação. Isso foi óbvio.

– Pelo quê?

– Eu sei o que é não ser desejada pelos pais. Não quero que tu...

– Não há problema. – Xhexania encolheu os ombros. – Eu sei o que aconteceu.

– Eu...

– Ouve, tenho de me despachar. Entra, se quiseres, mas ficas avisada: não me estou a arranjar para ir tomar chá.

No'One hesitou à entrada da porta. Lá dentro, o quarto mostrava sinais de muita utilização: a cama estava desfeita; havia calças de cabedal penduradas nas costas das cadeiras; estavam dois pares de botas no chão; dois copos de vinho repousavam numa mesa ao

canto, junto à *chaise longue*. Por todo o lado pairava o aroma vincu-
lativo de um macho de sangue puro, sombrio e sensual.

Envolvia a própria Xhexania.

Ouviu-se uma série de cliques e No'One espreitou de junto da ombreira. Perto do roupeiro, Xhexania estava a acomodar uma espécie de arma de aspeto perigoso enquanto andava de um lado para o outro. Era absolutamente competente quando a fazia deslizar para o coldre por baixo do braço e retirava outra. Seguiram-se as balas e a adaga...

– Não te vais ficar a sentir melhor em relação a mim ficando aí espedada.

– Não vim por mim.

Isso interrompeu o ritmo das mãos.

– Então porque vieste?

– Vi a expressão no teu rosto. Não quero isso para ti.

Xhexania esticou-se e alcançou um casaco de cabedal preto. Enquanto remexia nas coisas à sua volta praguejou:

– Olha, não vamos fingir que alguma de nós queria que eu tivesse nascido, *okay?* Eu perdoo-te, tu perdoas-me, fomos vítimas, *blá, blá, blá*. Temos de definir isto e seguir os nossos diferentes caminhos.

– Tens a certeza de que é isso que queres?

A fêmea ficou paralisada, após o que semicerrou os olhos.

– Eu sei o que tu fizeste. Na noite do meu nascimento.

No'One deu um passo atrás.

– Como...

Xhexania apontou para o próprio peito.

– *Symphath*, lembra-te. – A guerreira avançou, deslocando-se como se estivesse a rondar. – Isso quer dizer que penetro nas pessoas... por isso, consigo sentir o medo que sentes neste momento. E os remorsos. E a dor. Só por estares aqui parada à minha frente, estás de volta ao sítio onde estavas quando tudo aconteceu... e sim, sei que cravaste uma adaga na barriga em vez de enfrentares um futuro comigo. Por isso, como já disse, porque é que não nos limi-
tamos a evitar-nos e poupamos o transtorno?

No'One ergueu o queixo.

– Não há dúvidas de que és mestiça.

Sobrancelhas negras subiram.

– O quê?

– Apenas sentes uma parte daquilo que sinto por ti. Ou talvez não queiras reconhecer, pelas razões que tu lá sabes, que eu possa ter o desejo de tomar conta de ti.

Apesar de estar coberta de armas, Xhexania pareceu subitamente vulnerável.

– Na tua autoproteção dura, não cortes todas as pontes entre nós – murmurou No'One. – Não precisamos de forçar a proximidade, se ela não existe. Mas não vamos impedi-la de florescer, acaso surja oportunidade. Talvez... talvez possas apenas dizer-me, nesta noite, se há algo que possa ajudar-te. Começaremos por aí... e veremos como correm as coisas.

Xhexania interrompeu o que estava a fazer e começou a andar, com o corpo hirto e forte como o de um macho, a roupa parecendo peças de vestuário de homem, a energia masculina. Parou à frente ao armário e, após um instante, soltou os folhos do vestido vermelho que Tohrment lhe oferecera na noite do acasalamento.

– Limpaste a seda? – perguntou No'One. – E não estou a sugerir que a manchaste. No entanto, um tecido tão delicado tem de ser bem cuidado para se manter.

– Quanto a isso, não faço a mínima ideia por onde começar.

– Então permites que te ajude?

– Está bem.

– Por favor, deixa-me fazer isto.

Xhexania olhou para a seda. Em voz baixa, disse:

– Em nome de Deus, por que é que queres fazer isso?

A verdade era tão simples que se resumia a quatro palavras, tão complexas como a língua inteira.

– És a minha filha.